ÁFRICA DIVIDIDA/UNIDA EM CONTOS

Fabiely da Silva Barbosa (BIC/Fundação Araucária/UEPG), Keli Cristina Pacheco (Orientador), kelipacheco@hotmail.com

Universidade Estadual de Ponta Grossa/ DEEL/SECHILA.

BIC/Fundação Araucária

Palavras-chave: literatura africana de língua portuguesa, violência, exílio.

Resumo

Este trabalho pretende analisar os contos da coletânea *Contos Africanos dos países de língua portuguesa,* selecionado e organizado por Rita Chaves, composto por dez contos de diferentes estilos e temáticas, escritos por autores distintos que, no conjunto, traçam um panorama cultural dos países que falam o português, com todas as semelhanças e diferenças. Ainda, observaremos se há a presença da temática violência e principalmente do exílio, e como estes são representados. Como embasamento teórico da análise temos os estudos Agostinho (2011), Bezerra (2011), Khalil (2011), Mendonça (2014), Minayo (2001), Nogueira (2012), Pacheco e Waselcoski (2015), Paiva (2016), Proença (2016), Silva (2015), e Turano (2000). A análise deste trabalho é relevante para estreitar mais esse laço entre os países de língua portuguesa, por isso é de extrema importância estudar esse tema para que não só os educandos saibam disso, mas sim, que todas as pessoas reconhecem a importância e valorizem a cultura de outro país, no qual se compartilham mesma língua.

Introdução

A coletânea *Contos Africanos dos Países de língua portuguesa*, selecionado e organizado por Rita Chaves, é divida em cinco partes relacionadas ao país de origem dos contos, são estes respectivamente: Angola; Cabo Verde; Guiné-Bissau; Moçambique; São Tomé e Príncipe.

Observaremos, através da análise descritiva, se há presença da violência e principalmente do exílio, e como cada autor trabalha cada um desses temas em seu conto. Consideramos fundamental que todos os leitores brasileiros conheçam essas culturas que parecem distantes, porém nos são próximas, e que percebam as semelhanças e diferenças que nos unem. Por isso, esperamos que o leitor possa vir a conhecer melhor os autores e suas obras, em análises mais atentas e, a partir disso, compreender e valorizar a cultura e a literatura Africana de Língua Portuguesa, em sua grandeza.

Materiais e Métodos

1. Exílio

Nesta seção iremos observar se há a presença do exilio, e como o autor em questão aborda o tema. Um dos contos em que o exílio está de forma explícita, é no de José Eduardo Agualusa, “Passei por um sonho”, pois ele é exilado de sua terra natal para ir para morar em outro lugar.

Como observamos, ele é acusado de algo que não cometeu, pois a única coisa que fazia era ajudar os doentes, no entanto o levaram para habitar outro ambiente, Justo Santana foi exilado. Como Edward Said (2003, p. 50) conceitua: “o exílio [...] é fundamentalmente em estado de ser descontínuo. Os exilados estão separados das raízes, da terra, do passado”. E é isso que acontece, pois antes do pássaro aparecer ele tinha uma vida, depois de sua primeira aparição no sonho mudou, pois ele vivia para curar os enfermos como este queria, e foi por causa disso que Justo foi exilado de sua terra, deixando sua mulher, e seu passado agora estaria apenas em seus pensamentos.

Todavia, apesar de ser obrigado a abandonar o lugar que nascera e vivera, Justo Santana não ficou deprimido, de acordo com sua resposta, ao ser indagado sobre o exílio, disse que “foi a melhor época da sua vida” (CHAVES, 2009, p. 108), isso é, por si só, um contrasenso, pois na maioria dos casos, quando alguém é exilado, sente-se sozinho, deprimido, mas Justo não ficou assim, se sentiu afortunado por isso ter ocorrido com ele, talvez não estivesse feliz com o rumo que sua vida estava levando, e queria mesmo sair daquele lugar para se livrar do pássaro que, sabidamente, é uma metáfora do cristianismo, o que pode revelar uma crítica do autor à religião imposta à população africana pelos colonizadores.

Já em outros contos, o exílio aparece com outro aspecto, como é o caso do conto “O dia em que explodiu Mabata-bata”, de Mia Couto, pois depois da morte do boi, o maior da manada, Azarias que já tinha medo de seu Tio Raul, sentiu ainda mais, porque sabia que não poderia voltar para casa sem o boi, senão seria punido. Então resolveu fugir, só que esse fugir pode ser caracterizado como se exilar de tudo e todos, pois quando teve essa ideia, não se arrependeu em nenhum momento, “olhou sem pena para o campo que ia deixar [...] Tão pouco não pode deixar saudade. Partiu na direção do rio. Sentia que não fugia: estava apenas a começar o seu caminho” (CHAVES, 2009, p.16).

Percebemos que Azarias não gostava de viver ali, talvez a morte do boi tivesse sido o ápice para ele fugir daquele lugar que não era feliz, como Said (2003, p.50) diz: “[...] o exílio é uma solidão vivida fora do grupo, à privação sentida por não estar com os outros na habitação comunal”, e é exatamente isso que o menino sentia em relação ao seu Tio e a sua avó Carolina, que não pertencia àquela família, e nem àquele lugar em que foi obrigado a morar, uma vez que ele só trabalhava, e não tinha direito de viver, brincar e estudar como as outras crianças. Por esse motivo ele resolver se exilar daquele lugar e deixar seu passado lá, para começar outra vida, em outro ambiente, como o narrador mesmo fala “que saudade deixava? Maus tratos, atrás dos bois” (CHAVES, 2009, p.15).

Também pode ocorrer de uma pessoa ser exilada pelo próprio grupo, como é o caso de “Zito Makoa, da 4° classe”, de Luandino Vieira. No conto o menino é exilado pelos colegas, por ser negro, mesmo o menino estando em sua terra natal, onde várias gerações de sua família já viveram. Zito é destratado pelos seus colegas de classe e até pela professora, e por causa disso ele se vê sozinho, exilado de todos. O seu único amigo é Zeca, que também sofre exílio da classe, apenas por ser amigo de um menino negro. Como Said salienta: “[...] estar no exílio emerge um sentimento exagerado de solidariedade de grupo e uma hostilidade exaltada em relação aos de fora do grupo, mesmo aqueles que podem, na verdade, estar na mesma situação que você” (SAID, 2003, p. 51).

Vimos assim que o sujeito pode ser exilado por outros sujeitos de seu convívio, mas será que se pode ser exilado e não perceber? Acreditamos que acontece isso com os personagens Kilausse e o menino, do conto “Gavião veio do

sul e pum", de Boaventura Cardoso, pois ambos vivem em uma aldeia, mas Kilausse é tratado por todos como um louco, porque para eles, o homem fala coisas sem sentido, e por isso é exilado por toda a comunidade, e "grande parte da vida de um exilado é ocupada em compensar a perda desorientada criando um novo mundo para governar" (SAID, 2003, p. 54). Não sabemos o que esse homem perdeu, se sofreu algum trauma, porém ele cria um mundo novo, através dos pássaros. Ao longo do conto observamos que ele quer conhecer outros lugares, por isso deseja virar pássaro, para poder sair daquele exílio que fora colocado, e recompensar algo que ele sofreu ou alguma perda.

Todavia, parece que Kilausse não sente esse exílio, ou não dá muita importância, e o seu único amigo é uma criança, que o acha engraçado. A aldeia a princípio quer proteger o menino de um louco, dizendo que "é preciso proibir o miúdo de andar com Kilausse" (CHAVES, 2009, p.114), mas posteriormente parece que a comunidade também exila a criança, pois ela só convive com os pássaros e com o seu amigo exilado. E Said (2003, p. 57) afirma que "no fim das contas, o exílio não é uma questão de escolha: nascemos nele, ou ele nos acontece", e foi o que ocorreu ao menino e a Kilausse, não sabemos se nasceram no exílio, mas sabemos que este aconteceu.

Resultados e Discussão

Por fim, nos contos "Passei por um sonho", de José Eduardo Agualusa, "O dia em que explodiu Mabata-bata", de Mia Couto, "Zito Makoa, da 4° Classe", de Luandino Vieira, e "Gavião veio do sul e pum!", de Boaventura Cardoso, encontramos a presença do exílio, e percebemos que cada autor trabalhou de um modo. Agualusa falou sobre o exílio da pátria; Couto escreve sobre a criança querer exilar-se por acreditar não pertencer àquele lugar de violência; já Luandino Vieira aborda sobre o individuo que é exilado pelo próprio grupo que convive todos os dias, pelo fato de ser negro; e Cardoso, por sua vez, escreve sobre a pessoa que não percebe que está exilada, ou talvez já tenha sofrido tanto que enlouquece. Sendo esta última análise uma forma consistente de abordar narrativas produzidas em contextos de violência, pois o exílio acaba se revelando a única saída possível nesses contextos, saída mesma repleta de sofrimento.

Conclusões

Por meio da análise percebemos que os autores dos contos abordam sua cultura, tanto na escrita como na temática dos seus contos. O livro, enfim, permite ao leitor, reconhecer a relevância da literatura africana de expressão portuguesa, dos escritores, e suas obras, bem como perceber que questões que afligem a África, que passou pelo processo colonial português, estão sendo refletidas no âmbito literário, assim como na literatura produzida no Brasil, fazendo-nos inclusive ver a divisão das literaturas atrelada ao critério nacional, ainda presente nas escolas, como algo arbitrário e que pode, e merece ser revisto.

Agradecimentos

Agradeço à Instituição pelo ambiente criativo e amigável que proporciona.

Á Fundação Araucária, por proporcionar meios para a pesquisa científica na graduação. Agradeço a todos os professores por me proporcionarem o

conhecimento não apenas lógico, mas também o caráter e afetividade da educação no processo de formação.

Especialmente a minha professora e orientadora, Prof° Dr. Keli Cristina Pacheco, pela sua paciência, disponibilidade, e sobretudo pela confiança que depositou em mim durante o projeto E por fim, a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

Referências

AGOSTINHO, Feliciano. **Guerra em Angola as Heranças da luta de Libertação e a Guerra Civil**. Academia Militar, Lisboa, p. 1- 68, set. 2011.

BEZERRA, A. “Passei por um sonho”: os caminhos simbólicos na brevidade de Agualusa. **Revista Crioula,** Rio Grande do Norte, n.10, p.1- 12, nov.2011.

CHAVES, Rita (Org). **Contos Africanos: dos países de língua portuguesa.** São Paulo: Ática, 2009. 143p.

KHALIL, M. **Memória e espacialidades reais e ficcionais em “Nós choramos pelo cão tinhoso”, de Ondjaki.** São Paulo, p. 194-204, out. 2011.

MENDONÇA, E. Do irreal ao poético: Azarias, pequeno e órfão, nas asas do Ndlati. **Revista do Núcleo de Estudos de Literat. Portuguesa e Africana da UFF.** São Paulo, v. 6, n. 13, p.61-65, nov. 2014.

MINAYO, Maria. Violência contra crianças e adolescentes: questão social, questão de saúde. **Revista Bras. Saúde. Infant**. Recife, p. 91-102, maio-ago, 2001.

NOGUEIRA, I. **Morte e Religião em Rio dos Bons Sinais de Nelson Saúte.** 2012. 76 f. Dissertação (Mestrado em Línguas, Literaturas e Culturas) – Universidade de Aveiro, Portugal, 2012.

PACHECO, K. WASELCOSKI, M. **Surrealismo e infância em Bandeira Preta, de Branquinho da Fonseca.** Porto Alegre: Navegações, v.8, n.1, p. 41-49, v.8, n.1, jan-jun, 2015.

PAIVA, P. **A cor de Angola: conceitos e preconceitos em “Zito Makoa, da 4° classe”, de Luandino Vieira.** Ilhéus, v.6/1, p. 107-122, jan-jun, 2016.

PROENÇA, P. Análise do conto “As mãos dos pretos”, de Bernardo Honwana, em perspectiva descolonizadora. **Revista Literartes**. Ceará, n.5, p.100-119, 2016.

SILVA, A. **Narrativas orais, Literatura infantil e Juvenil e identidade cultural em Cabo Verde.** 2015. 323 f. Tese (Pós-graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2015.

TURANO, M. Memória e identidade nos contos de Teixeira de Sousa (para uma antropologia da literatura). **Revista Via atlântica**, Itália, n. 4, p. 226-236, out. 2000.